

Surfistas sem praia

Categories : [Reportagens](#)

Surf no meio do planalto central? Mais que isso. No lago Paranoá, em Brasília, a prática do surf evoluiu e ganhou novos adeptos. O *kitesurf*, ou *flysurf*, é uma mistura de surf, vôo livre, *windsurf* com *wakeboard* que não agride o meio ambiente. Em boa parte das manobras, o equipamento sequer toca a água. Em Brasília, o esporte chegou há dois anos e meio e já são mais de 40 pessoas que deslizam sobre o lago numa prancha sendo puxados por uma pipa.

As primeiras tentativas de usar um *kite* (pipa em inglês) para surfar aconteceram no final da década de 70. No início dos anos 90 o esporte ganhou força. No Brasil, a primeira vez que se viu o *kitesurf* foi com um francês em Florianópolis, no verão de 1996. No Rio de Janeiro, em pouco mais de três anos o esporte triplicou o número de praticantes. São 60 filiados à associação e outros 80 considerados praticantes de fim de semana. Estima-se em cerca de mil o número de *kitesurfers* no Brasil, na faixa dos 20 aos 40 anos.

Para o presidente da [Associação Brasileira de Kitesurf \(ABK\)](#), José Carlos Guimarães, o que mais atrai no esporte é a mistura de várias modalidades radicais. E o aprendizado não é difícil. Ele garante que com dois meses de aula já é possível aproveitar o máximo do esporte. “Mesmo quem nunca subiu em uma prancha não encontra dificuldades para o *kite*”, atesta João Henrique, instrutor do esporte em Brasília.

Mesmo longe do mar, o esporte é salgado. Para começar a praticar, é preciso alugar ou comprar o equipamento, basicamente composto por prancha, pipa, linhas de vôo e barra de controle, que custa entre mil e 3 mil dólares. As pranchas são como as do surf, com alças para prender os pés, *wakeboard* ou prancha bidirecional (que anda para os dois lados). A pipa tem um formato de asa em arco, o que facilita o controle da sua trajetória, e é feita com o mesmo material dos pára-quedas.

Uma barra de controle dá direção ao kite. É ela que permite o controle da potência da pipa no ar. As linhas de vôo que conectam o *kite* na barra medem de 20 a 40 metros, dependendo da modalidade praticada. “Quanto mais forte o vento, menor o tamanho da corda”, aconselha o instrutor João Henrique.

Em Brasília, a melhor época para praticar o esporte começa em breve: vai de junho a setembro. Mas antes de desligar o computador e sair correndo para se arriscar no esporte é importantíssimo fazer um curso de *kite* com um instrutor qualificado. Segundo João Henrique, uma manobra mal-sucedida pode machucar. “O vento forte transforma o praticante em um chicote humano, por isso ele deve pelo menos fazer o curso básico para evitar acidentes”. Segundo João, o impacto na

água pode ser equivalente ao chão, dependendo da altura que se atinge. “Um italiano no Rio Grande do Norte morreu porque tentou se aventurar sem o mínimo de orientação”, acrescentou.

No lago Paranoá, nos finais de semana, é evidente a presença de aprendizes de *kitesurf*. Os lugares mais adequados são a península dos ministros no Lago Sul e alguns pontos da península do Lago Norte, onde podem ser encontrados os profissionais da área. As aulas envolvem fundamentos básicos, manuseio do equipamento, técnicas de velejo e procedimentos de segurança. “O bom de Brasília é a largura entre as duas margens, que permite todo tipo de manobra. E não tem correnteza. Na praia a gente corre o risco de ir parar no alto mar. A lagoa Formosa, distante 70 quilômetros de Brasília, é outro lugar incrível”, conclui o instrutor.